

Sarney se considera

SEXTA-FEIRA, 20 DE JANEIRO DE 1989

injustiçado

Presidente contesta críticas e garante que, desta vez, plano econômico dará certo

AUGUSTO NUNES

BRASÍLIA — O escritor José Sarney terá de recorrer à conhecida tolerância do político José Sarney para que o livro de memórias do atual presidente da República — ainda sem título definitivo, mas com vários capítulos já rascunhados — não retrate um homem ressentido. No fim da tarde de ontem, o segundo dia útil do Plano Verão, o presidente Sarney, em seu gabinete no Palácio do Planalto, reiterou ao Estado que não guarda rancores pelas injustiças que julga ter sofrido. "Eu não me permito o sentimento do ódio", afirmou, denunciando no rosto risonho uma noite bem dormida. Mas ele se considera "um presidente perseguido". No momento, segundo Sarney, essa perseguição lhe é movida sobretudo por boa parte da imprensa.

A convicção de que as críticas feitas a seu governo — e, agora, a desconfiança com que foi recebido o Plano Verão — são asperamente injustas é reforçada pela certeza de que, desta vez, as medidas de combate à inflação serão eficazes. "Aprendemos com os erros cometidos no Plano Cruzado e no Plano Bresser", assegurou Sarney. "Os autores do Cruzado eram muito competentes, mas achavam, por exemplo, que o plano seria recessivo, e adotaram medidas de estímulo ao consumo. Foi um equívoco grave".

Desta vez, segundo o presidente, os juros elevados — associados à existência de bons estoques de mercadorias e a uma tabela de preços razoavelmente alinhados — impedirão a reprise do delírio consumista dos tempos do Cruzado. "Quando nomeei o ministro Mailson da Nóbrega, já sabia que seria necessário um terceiro choque econômico", revelou Sarney, sugerindo que a "política do feijão-com-arroz", apregoada por Mailson, foi na verdade uma cortina-de-fumaça destinada a acobertar a preparação de experiências bem mais ousadas. Há cerca de dois meses, o ministro da Fazenda recebeu sinal verde para cuidar da decolagem do Plano Verão, e passou à fase de consultas a economistas de diferentes tendências. Só no final do ano começou a montagem efetiva do pacote.

RESIGNAÇÃO

"Como tudo deveria ser feito em sigilo, passaram a acusar-me de permanecer inerte enquanto o País afundava", queixou-se Sarney. "Levei pauladas de todos os lados." Ele garantiu que, apesar de considerá-la injusta, recebeu essa pesada artilharia de críticas com resignação. É provável que nada o incomode tanto quanto a acusação de que é um homem irremediavelmente hesitante. "Grandes presidentes de outros países também foram acusados de hesitação", argumentou

Sarney na quinta-feira. "Roosevelt, Lincoln, De Gaulle e Truman, por exemplo, sofreram esse tipo de crítica. Truman chegou a ordenar a invasão de um sindicato de ferroviários em plena Segunda Guerra. Mesmo assim, foi frequentemente acusado de indecisão."

Sarney assegura que não é um homem hesitante. "O que é indecisão para os outros é, para mim, uma questão de timing", defendeu-se. "Sou um político, e sei qual é o momento certo para se tomar alguma decisão." A aparente relutância no preenchimento de cargos no primeiro escalão, assim, seria apenas uma decorência desse estilo. "Quando o Ministério do Trabalho ficou vago, por exemplo, eu já sabia que teria de tomar decisões importantes em janeiro, que incluíam uma ampla reforma administrativa. Por que apressar a nomeação do novo titular do cargo?"

Ele oferece exemplos desse gênero, traíndo na expressão a suspeita de que talvez seja tarde para convencer o País de que sabe perseguir seus objetivos com determinação. "Vetei o salário mínimo aprovado pelo Congresso, extingui ministérios, decretei a moratória da dívida externa, fiz três planos econômicos e continuam a acusar-me de indeciso", lastimou. "Se estadistas como Roosevelt ou De Gaulle foram injustiçados não poderia ser diferente com um presidente nascido em Pinheiro, no interior do Maranhão, filho de dona Kiola e criado numa casa com 50 metros quadrados", comparou Sarney, rindo do próprio destino. "Eu fui muito além do que poderia imaginar."

CALVÁRIO

De qualquer forma, o presidente está aparentemente convencido de que esse calvário pessoal será pelo menos abrandado nas próximas semanas. "O único argumento que vale é o do resultado, e os resultados serão bons", sustentou. Ele não teme o julgamento da História, nem admite que poderá ser lembrado como o homem que presidiu a maior inflação de todas as Repúblicas. "Muita gente diz que sou o presidente da inflação de 1.000%", observa. "Poucos se lembram de que também fui o único presidente da inflação zero."

Se o Plano Verão der certo, o presidente Sarney poderá chegar a novembro como grande eleitor de sua própria sucessão. Ontem à tarde, porém, ele não parecia entusiasmado com a perspectiva de reviver os tempos de aguda euforia do Cruzado, quando seu apoio era furiosamente disputado por candidatos a governos estaduais. "Não pretendo apoiar nenhum candidato à Presidência", prometeu. "Nem acredito que os candidatos venham em busca do meu apoio, embora muitos tenham sido eleitos, por mim. Afinal, eles passaram todos esses meses me atacando." Mas ele avisa que não vai abdicar da atividade que levou um menino de Pinheiro à Presidência da República. "A política", ensina, "só tem porta de entrada. Não tem saída."